

## JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

### Bons projetos, deputado!

**Esequiel Mesquita**  
emesquita@ufc.br

Era uma vez um deputado. Abriu o peito para entrar no hospital. Leu a placa; era o avô. Passou a mão no cabelo e esperou que o reconhecessem. Avançou: um balcão, dois bancos, plantas de verde murcho.

Cresceu um palmo. Firmou o corpo; esguiou-se ao ver sua foto pendurada na recepção. Deu duas batidas no balcão para despertar a recepcionista do sono babado. Pediu que o encaminhasse ao médico. Ela o olhou; virou a cabeça à procura do melhor enquadramento. Pediu-lhe que se identificasse. Ele apontou para a foto ao fundo; a recepcionista franziu as sobrancelhas. O homem jogou a identidade no balcão. A moça deu uma boa gargalhada.

— Essa não se usa mais — explicou a recepcionista, enquanto iniciava um vídeo com transmissão ao vivo. Usou uma voz amolecida, infante: — Gente, vocês não sabem o que aconteceu hoje....

Ela começou a gravar o deputado, que desfez o ar incrédulo e pôs-se a sorrir. Perguntou

o seu perfil. Não lembrava; deu o telefone à funcionária. Alguns toques depois, ela lançou-se balcão afora e abraçou-o fortemente. O deputado conduziu-a ao seu posto.

— Quem é o médico de plantão?

Ela não sabia; era assim, dessa altura, cabelo assim, pra cima. Interrompeu a resposta quando uma borboleta passou à sua frente; iniciou outra transmissão. O deputado encheu-se de ódio e espantou a borboleta com as mãos. A atendente voltou a mirá-lo e perguntou quem ele era.

— Senhora, por gentileza — abafado de raiva e apontou para o computador. Quem é o médico de plantão?

— Não serve pra nada não. Só mostra umas letras.

— Letras? São palavras, menina.

— Ah... soube que caiu com o tempo.

Deu um respiro profundo e escreveu um bilhete: “Esta é a maior idiota que já conheci”. Pôs o sarcasmo no rosto e saiu.

A atendente viu o papel no balcão, cheirou-o e o admirou um bocado; olhou-o contra a luz. Iniciou sua terceira transmissão naqueles vinte e oito minutos de encontro.

### A maior deficiência da humanidade

**Sibelle Holanda**

psicanalista.sibelleholanda@gmail.com

Há um silêncio cruel que fere mais do que palavras: o silêncio de quem vê, mas não acolhe. De quem observa uma criança autista em crise, uma mãe exausta tentando conter as lágrimas, um jovem atípico lutando para existir em um mundo acelerado... e simplesmente passa.

Vivemos em uma sociedade que aprendeu a olhar, mas desaprendeu a sentir. O autismo e tantas outras condições não pedem pena. Pedem humanidade, respeito e compreensão. Atrás de cada criança especial existe um universo inteiro tentando florescer em meio aos julgamentos. Existe um coração que sente intensamente, mesmo quando não consegue transformar sentimentos em palavras.

E existem os pais. Mães que choram escondidas e, ainda assim, encontram forças para sorrir aos filhos. Pais que carregam o medo do futuro, mas transformam amor em resistência diária. Guerreiros silenciosos travando batalhas invisíveis enquanto o mundo, muitas vezes, escolhe julgar aquilo

que nunca tentou compreender.

Talvez a maior deficiência da humanidade não esteja no corpo ou no desenvolvimento de alguém, mas na incapacidade de amar o diferente. Na frieza de uma sociedade que prefere apontar dedos em vez de estender as mãos.

Precisamos ensinar empatia. Inclusão não é favor, é dignidade. Nenhuma criança deveria crescer pedindo desculpas por existir. Nenhuma mãe deveria caminhar sozinha tentando provar que seu filho merece amor, respeito e lugar no mundo.

Essas crianças vieram para ensinar. Talvez sejam justamente elas que ainda preservam a sensibilidade que a humanidade perdeu.

E no fim, quando Deus olhar para a Terra, talvez Ele não pergunte quantos diplomas tivemos, quanto dinheiro acumulamos ou quantas palavras bonitas dissemos.

Talvez Ele queira saber apenas quantas vezes fomos capazes de amar, acolher e enxergar humanidade onde o mundo insistia em ver a diferença. Porque a verdadeira deficiência nunca esteve nelas... sempre esteve na ausência de amor de quem se recusou a compreender.

## O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

### Grãos de romã

**Mayse Martiliano**

Graduanda em Biologia na Universidade Federal do Alagoas

Há quem diga que ruína é a beleza,  
De forma alguma, apenas parte de tal.  
Que a consumir como romã,  
entorpecido pelos dedos que nela mergulham,  
Revelará os céus.

Já que os pecados, de Perséfone a Hades,  
são tão sujos quanto os de Fausto — e os meus.

Foi a Satã que assinei,  
reverência a um único desejo, nunca antes tido.

Quando vieste a mim, também o corrompeste?  
Será que sonhas porque imundi tua alma?  
Escarlate como os grãos postos em tua boca,  
Mas nunca como o sangue que limpaste em tua cama,  
fruto de uma beleza ainda destruível,  
não consumida em si mesma.

Não mais virgem como Maria,  
Morrestes assinalando o pacto,  
Como aos artistas que tanto admira,  
Sábida dos custos, da perdição,  
Da tua beleza nela.

E ainda que os cobre, Satanás,  
Com teu inferno, queimarás.  
Já que descobriste o que é amar,  
O pacto selará.



**E ainda que os cobre, Satanás,  
Com teu inferno, queimarás.  
Já que descobriste o que é amar,  
O pacto selará.”**

CARLUS CAMPOS



### O percurso

**Amauri Holanda de Souza**

Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Apaixonei-me sem nenhuma garantia afetiva.

Talvez toda entrega carregue esse risco invisível.

Havia algo de arriscado e triste, como condição humana, na forma como ignorei os desafios do entrelaço.

A solidão, então, fez-se tese silenciosa e lição que o tempo parecia jamais corrigir - como não corrigiu.

Duas taças sobre a mesa — uma delas intacta, sem marcas de batom. O livro repousava entre flores fatigadas, enquanto o relógio parecia rir de mim.

“Santa Felicidade” convidava ao paladar, e uma canção dos The Beatles tocava ao fundo como um doce segredo.

— Esperando alguém que não veio? — perguntou o garçom, com discreta tristeza.

Apenas balancei a cabeça, como quem reconhecia a própria ingenuidade sem coragem de chamá-la pelo nome.

Acredito, com certa piedade de mim mesmo, que amar também seja isto: sentar-se diante da ausência e ainda assim permanecer inteiro.

Havia pessoas conversando ao redor e risos dispersos entre os instantes.

Ainda assim, tudo me parecia distante, como se eu ocupasse apenas o lado invisível daquele lugar.

Então, puxei um papel e uma caneta e, sem raiva ou desespero, escrevi devagar: aqui jaz um amor — daqueles que, quem sabe, teriam outro destino se o detalhe fosse encontro, e não escudo.

Sai sem olhar para trás, acreditando que certas despedidas pertencem ao silêncio das coisas que existiram como possibilidade, desafios e reminiscências de um querer antigo.

### Mais que atendimento, vidas são transformadas

**Francisco Alves da Rocha Filho**

Assistente administrativo do Centro Estadual de Referência LGBT+ Thina Rodrigues

Meu trabalho no Centro Estadual de Referência LGBT+ Thina Rodrigues, equipamento público vinculado à Secretaria da Diversidade do Ceará que atende o público em situação de vulnerabilidade, não é uma tarefa fácil.

Precisamos estar atentos às necessidades de cada pessoa que chega ao Centro, oferecendo acolhimento, escuta e orientação de forma humanizada.

Muitas vezes, o primeiro contato da população LGBT+ com o Centro acontece logo na recepção. Por isso, é importante transmitir segurança e confiança, mostrando que aquele espaço existe para ajudar. Seja em casos de LGBTfobia, em processos de retificação de nome e gênero, no acesso ao atendimento psicológico, no apoio jurídico ou no acompanhamento com profissionais do serviço social, cada atendimento tem sua importância.

No dia a dia, aprendemos que não existem demandas pequenas. Algumas situações são mais difíceis, outras mais simples, mas todas merecem atenção, respeito e cuidado. Trabalhar no Centro Thina Rodrigues é compreender que o serviço público também pode transformar vidas através da empatia e do acolhimento.

Para mim, é algo muito grandioso fazer parte dessa equipe. Tenho a oportunidade de aprender diariamente com pessoas incríveis, além de ampliar meus conhecimentos sobre políticas públicas, direitos humanos e cidadania.

Dentro dessa experiência, percebemos o quanto é importante existir uma Secretaria da Diversidade não apenas no Ceará, mas em todo o Brasil. É fundamental que outros estados também compreendam que os casos de LGBTfobia vão muito além do que muitas pessoas imaginam. Estamos falando de vidas, de respeito, de empatia e de cuidado com o próximo.

A existência de políticas públicas voltadas para a população LGBT+ representa acolhimento, proteção e garantia de direitos. Muitas pessoas chegam ao Centro precisando apenas de uma orientação, enquanto outras buscam apoio para enfrentar situações difíceis. Em todos os casos, o atendimento humanizado faz diferença.

Por isso, acredito que fortalecer espaços como o Centro Thina Rodrigues e ampliar iniciativas semelhantes em outros estados é contribuir para uma sociedade mais justa, humana e respeitosa para todos.